

**UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS
CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO EM PORTUGUÊS E INGLÊS**

Diana Vieira da Silva

**A LINHA DE FUGA E A IDENTIFICAÇÃO DO LEITOR EM NARRATIVAS
FICCIONAIS**

**Sorocaba/SP
2023**

Diana Vieira da Silva

**A LINHA DE FUGA E A IDENTIFICAÇÃO DO LEITOR EM NARRATIVAS
FICCIONAIS**

Trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Inglesa da Universidade de Sorocaba como requisito para a obtenção do Diploma de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Orientador: Profa. Daniela Aparecida Vendramini Zanella

**Sorocaba/SP
2023**

Diana Vieira da Silva

**A LINHA DE FUGA E A IDENTIFICAÇÃO DO LEITOR EM NARRATIVAS
FICCIONAIS**

Trabalho de conclusão do Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa e Inglesa da Universidade de Sorocaba como requisito para a obtenção do Diploma de Licenciatura em Letras, habilitação em Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Aprovado em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Prof.(a) Daniela Aparecida Vendramini Zanella
Universidade de Sorocaba

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a minha mãe, Helenice Soares Bueno, e ao meu pai, Amauri Vieira da Silva, por todo o apoio e carinho, além dos conselhos sábios que me motivaram durante a realização desta pesquisa.

Aos meus irmãos, Daniele, Danilo, Dayara, Daiane e Douglas por me incentivar desde sempre a estudar e correr atrás dos meus objetivos, além de me proporcionarem momentos de alegria e companheirismo que muito contribuíram durante a minha dedicação a este trabalho.

À professora Daniela Aparecida Vendramini Zanella, por ter sido minha orientadora e ter desempenhado tal função com dedicação e amizade.

A todos os professores, por todo o conhecimento adquirido até aqui.

A todos que participaram direta ou indiretamente do desenvolvimento desta pesquisa, enriquecendo a minha trajetória de aprendizado.

RESUMO

A literatura como modo de pensar o indivíduo, seja dentro ou fora da narrativa, é um dos caminhos pelo qual este trabalho busca amparar-se. Deseja-se, portanto, compreender o papel das obras de ficção na identificação do leitor com base nos elementos textuais e diegéticos que as compõem. Fundamenta-se, para tanto, na filosofia de Gilles Deleuze e de seu conceito sobre a linha de fuga como instrumento na observação desse processo. Esta pesquisa baseia-se na revisão bibliográfica de abordagem qualitativa com tipo de delineamento “revisão de literatura” e está fundamentada teórico-metodologicamente em uma perspectiva dialógica (BRAIT, 2006) para analisar os elementos discursivos e subjetivos da narrativa de ficção. Pretende-se, como efeito deste projeto, delinear quais e como os recursos narrativos figuram-se na identificação do leitor e, assim, entender como o objeto textual concede ao homem o entendimento e a construção de seus saberes.

Palavras-chave: Literatura. Linha de Fuga. Identidade. Narrativa de ficção.

ABSTRACT

Literature as a way of thinking about the individual, whether inside or outside the narrative, is one of the ways in which this work seeks to support itself. Therefore, it is desired to understand the role of works of fiction in the identification of the reader based on the textual and diegetic elements that compose them. Based on the philosophy of Gilles Deleuze and his concept of the line of flight as an instrument for observing this process. This research is based on a bibliographic review of a qualitative approach with a "literature review" type of design and is theoretically and methodologically grounded in a dialogic perspective (BRAIT, 2006) to analyze the discursive and subjective elements of fiction narrative. As an effect of this project, it is intended to delineate which and how the narrative resources appear in the reader's identification and, thus, to understand how the textual object grants man the understanding and construction of his knowledge.

Keywords: Literature. Escape Line. Identity. Fiction narrative.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	BASES PARA A TEORIA DA LITERATURA	9
2.1.	Antonio Candido e a relação autor-público-obra	10
2.2	A Narrativa de Ficção	12
2.3	O leitor de ficção - A questão da verossimilhança	13
2.4	A Linha de Fuga e a identificação do leitor	15
3	METODOLOGIA.....	19
3.1	Análise	19
4	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	21
	REFERÊNCIAS.....	23

1 INTRODUÇÃO

A linha de fuga (DELEUZE, G. & GUATTARI, F, 2011) relaciona-se a um conceito trazido pela filosofia para designar um campo no qual as subjetividades ganham espaço, onde há a quebra de antigos conceitos ao mesmo tempo em que se recompõem em novas formas, pensamentos e caminhos. É um território que se desconstrói a partir de suas extensões. Na literatura, tais extensões perscrutam todas as etapas construtivas da narrativa, desde a criação até o destino final onde as ideias iniciais transformam-se em novas possibilidades e vivências (CANDIDO, 2009).

Embora a linha de fuga ocupe-se de uma complexa relação do “eu” diante da subjetividade, os elementos que antecedem a obra, ou seja, as experiências e saberes do autor transcritos posteriormente a estória possuem papel importante no processo de identificação de uma não linearidade presente na literatura, onde o ponto de vista existente na narrativa adequa-se, ou não, ao do leitor, em decorrência de seus próprios conhecimentos (FRIEDMAN, 2002). Diante disso, a intenção de se estabelecer um contrato restrito, uma ordem cronológica do instrumento literário acaba por transgredir o espaço entre a narrativa e o leitor pelo qual a fuga deste acontece.

A partir dessa inversão na concepção de unicidade, depreende-se a relevância da ficção para o cruzamento entre as linhas do real e do fictício que, ao exprimir a linguagem em seu caráter emancipador, sugere uma das bases para a análise exploratória e humanizadora do leitor. Isto pois, sustentando-se na noção dialógica bakhtiniana, o leitor como co-enunciador do texto é atravessado pelos enunciados que, por sua vez, não são devidamente concretizados sem o ato da leitura. Assim, a linguagem literária instala-se na capacidade de interação entre os elementos constitutivos do texto, à sua maneira na produção, circulação e recepção, e o sujeito para o qual se conduz, encontrando segundo Brait, “sua identidade nas relações dialógicas estabelecidas com outros discursos, com outros sujeitos” (BRAIT, 2006, p. 58).

Para dar conta dos estudos pautados na dialogia, por seu efeito na construção de uma identidade leitora, este trabalho propõe-se a compreender o papel das obras de ficção na identificação do leitor com base nos elementos textuais e diegéticos que as compõem no propósito de se investigar o impacto das obras literárias no leitor,

concebendo as diferentes esferas subjetivas, em decorrência das narrativas ficcionais, e a percepção deste pelo leitor.

A partir destas considerações, visa-se responder a seguinte pergunta: Como os componentes diegéticos contribuem para a construção da linha de fuga? E de que maneira isso influencia o leitor? Dessa forma, faz-se imprescindível a análise das atribuições literárias para o entendimento das interações entre texto, discurso e leitor.

A literatura, portanto, passa a assumir neste trabalho uma função que não se ampara na constituição do edificar, mas no de identificar, fazer viver em sentido profundo como a base para a sua elaboração (CANDIDO, 1999). A obra literária, deste modo, transpassa uma interpretação singular para assumir sua pluralidade de sentido e significações. É por meio da criatividade, dos elementos narrativos, como a construção da personagem e o discurso, o impacto da construção narrativa, aliada a linha de fuga, que essa se constitui como extensão da busca por conhecimento. Conhecimento esse influenciado pela ótica leitora da realidade, mas que desvia de seu caráter restaurador e passa a atender critérios do próprio indivíduo.

2 BASES PARA A TEORIA DA LITERATURA

Nascida da necessidade de se compreender sua origem e importância no pertencimento e identidade da sociedade, a Teoria da Literatura busca através de uma análise científica e histórica entender o processo da narrativa na intenção de elucidar a conexão entre os processos linguísticos e o meio histórico social dentro da Literatura. É diante desse cenário que os primeiros questionamentos acerca do que é Literatura aparecem como alternativa de se alcançar a plenitude de seu significado e seu lugar para o campo dos conhecimentos humanos.

Todavia, a parcial inviabilidade desse propósito encontra-se na medida em que a Literatura se estabelece como uma soma de conceitos que ao se distanciar dos padrões revelam distintas características que influenciam e acompanham o desenvolver da sociedade. Desse modo, como constata Eagleton (2006) a literatura não deve ser reconhecida como instrumento imutável em detrimento a um período histórico específico, tão menos embasada no juízo de valor sobre a escrita para ser reconhecida como literatura.

A partir disso, importa-nos analisar os modos como o olhar sobre o estudo literário tem se desenvolvido e como seus resultados refletem na relação - sociedade e obra.

Para isso, Souza (2007) traça em seu livro “Teoria da Literatura” os modelos adotados durante os estudos literários, servindo-se da passagem do tempo como fator determinante para o seu entendimento nos dias de hoje. Para esse autor, durante a passagem do século XIX para o século XX, as linhas de pensamento cientificistas do século XIX procuravam estabelecer a análise da literatura através do amparo de outras disciplinas, buscando na história, psicologia, sociologia e filologia o suporte para suas formulações teóricas. Já as correntes desenvolvidas a partir do século XX objetivavam estabelecer métodos específicos que além do caráter social, admitiam o caráter próprio da produção literária que a tornaria distinta de qualquer outra não-literária (SOUZA, 2007, p. 35).

Ainda, segundo Souza, surge então nesse período de contradições a Teoria da Literatura como verdadeira nova disciplina, adotando o caráter de antagonista a metodologia apontada pela visão dos chamados oitocentistas representada pela história da literatura e crítica literária do século XIX (SOUZA, 2007, p. 38).

Desse modo, afastando-se da ideia de exteriorizar a obra literária de acordo com seu aspecto social e ou econômico, ou até mesmo, estreitar suas características ao processo estético em critério a subjetividade do autor, a literatura como instrumento dialético de convenções que transitam entre a realidade social e a representação estética passa a objetivar a produção de significações, torna-se não somente um reflexo e reprodução do mundo social, mas a compreensão e troca entre o criador e os meios práticos e sociais (CHARTIER, 1994 *apud* NAVARRETE, 2011, p. 30).

Assim, a Teoria da Literatura passa a ser vista como objeto social em constante transformação, acompanhada das mudanças sociais e científicas, incumbido aos seus estudiosos, a responsabilidade pela sua contínua redescoberta.

2.1 Antonio Candido e a relação autor-público-obra

Diante do olhar crítico que permitiu aos estudos literários o seu desenvolver frente às contradições teóricas, chegamos à investigação de como a Teoria da Literatura contribuiu para o entendimento dos fenômenos: meio social, autor e público. Para tanto, recorramos aos estudos de Antonio Candido, principal instrumento de análise para o atual trabalho, sobre o conceito de Literatura e como seus elementos se dividem para o entendimento das obras literárias.

Para Candido (2002, p. 23), o conceito da literatura se dá por meio de um “sistema de obras ligadas por denominadores comuns, que permitem reconhecer as notas dominantes numa fase”. Esse sistema divide-se nos chamados denominadores internos caracterizados pela língua e o tema, ou seja, a comunicação e expressão de ideias dentro a coletividade e uma identidade própria. Há também os que configuram os elementos de natureza social e psicológica que “fazem da literatura aspecto orgânico da civilização”. Dentre os dois grupos, diferem-se a existência dos produtores literários, um conjunto de receptores, ou seja, o público pelo qual a obra opera, e um mecanismo que os concilie, em geral a linguagem. O conjunto dos três elementos formam a base para o que Candido chama de “comunicação inter-humana” e que reconhece como “tradição” a medida em que cria um ponto de intersecção entre os indivíduos e a interpretação da realidade.

O movimento romântico do século XIX foi para Candido um ponto decisivo na formação da literatura brasileira, pois além do sentido estético das obras literárias ao apresentar o descritivismo regional, a figura do herói nacional representados nas

obras de José de Alencar a exemplo da fase romântica indianista, buscava-se sobretudo, um caráter literário que distanciasse da portuguesa (CANDIDO, 2000).

Conquanto, para além da fase de construção de uma imagem nacional, é através de uma “literatura comum” que o autor encontra meios de compreender a integridade artística das obras como um “fenômeno de civilização”. É a partir da literatura como símbolo nacional que ocorre então o primeiro contato entre público e autor resultando no fomento para a criação artística, autores cientes de seu papel social, divulgação de uma literatura ajustada às novas perspectivas como forma de atrair o público leitor e por fim, como transmissor de valores (CANDIDO, 2002, p. 24-25).

Porém, há um paradoxo, meramente explicativo, diante desse primeiro contato entre público e autor e a precária comunicação deste último com a maioria leitora. O estímulo das obras literárias pela “elite brasileira” e o pretexto da ambição nacional provocou a disparidade entre o escritor e o público iletrado, resultado de um refinamento pouco convincente e uma literatura ainda pouco difundida.

Candido (2011), em sua obra “O Direito à Literatura” lança luz sobre a questão apresentada ao tratar sobre o conceito de função. Para ele, cada sociedade é criadora de sua própria literatura, aos seus modos no representar de impulsos, crenças, normas que a regem, o que a torna necessariamente contraditória. Desse modo, pode-se destacar as suas responsabilidades na formação dessa sociedade, não somente para efeito estético e ufanista, mas como resultado da complexidade de sua natureza.

A função social da literatura refere-se desse modo à disposição do tema e linguagem, encontrada no conjunto de “dispositivos internos” e que carrega o papel humanizador das obras literárias. E ao descrever eventos, a fala comum e regional, e características próprias de um determinado local, cria-se uma consciência do papel do autor como agente ativo no reconhecimento e pertencimento desse público, em que o leitor, “nivelado ao personagem pela comunidade do meio expressivo, se sente participante de uma humanidade que é a sua” (CANDIDO, 1999, p.89). Podemos, portanto, traçar o raciocínio sobre função social da literatura como “aspecto orgânico da civilização” em concordância com o que diz Chartier (1990, *apud* NAVARRETE, 2011, p. 39) em “Textos, impressos, leituras” enquanto perspectiva histórica, que vai contra a um “etnocentrismo espontâneo da leitura” observando-se a sociedade em

toda a sua diversidade, criando-se um inexorável ponto de contato entre um público que se vê valorizado pelas letras e o seu direito a ela.

Candido (1999, p. 85) ressalta também a função psicológica e educativa da literatura que, assim como a social, perscruta o seu papel humanizador sobre a sociedade pois, segundo ele, “humaniza em sentido profundo, porque faz viver”, ou seja, ela não corrompe e nem edifica, mas humaniza. Cria-se a partir disso, a ideia da literatura como necessidade, uma resposta do mundo à sociedade, compreendendo-se, portanto, a relação diacrônica entre a sociedade e o elemento artístico que para Candido concede sentido ao fazer literário.

2.2 A Narrativa de Ficção

Na última seção, compreendeu-se que a humanização, a que se refere Candido (1999), atribui à literatura um sentido peculiar se levado para a ideia de função psicológica, pois é a partir dela que um ponto de contato entre o fantasioso e a realidade se estabelece, gerando a resposta do autor e leitor ao objeto literário. Isso devido à necessidade de ficção que, segundo Candido (1999), é “coexistiva ao homem” (p.82,83), tanto como indivíduo quanto como integrante de um coletivo.

Para o autor, essa necessidade universal de ficção está presente nos modos mais singelos como o trocadilho até as mais complexas como as narrativas romanceadas (CANDIDO, 1999). E é por meio dos elementos reais que o fictício se delineia, criando entre si um vínculo que não se apoia em meios unilaterais de existência, ou seja, o fictício não como resto da realidade, mas para além, atuando como ponto de contato.

Deste modo, vê-se o cruzamento entre as linhas literárias no que diz respeito a ficção e a realidade concreta, submergindo a uma criação de aspecto individual, a respeito das necessidades próprias de cada indivíduo no seu fazer imaginativo, e empírica, em que a supressão dessas necessidades estão presentes nos elementos constitutivos da realidade e ao mesmo tempo na atuação do inconsciente e do subconsciente.

É possível observar, portanto, que a intersecção entre a realidade concreta e a realidade fictícia surte efeito pragmático no leitor, pois é diante desse jogo de sobreposições que o autor poderá alcançar o sentido mais profundo de sua obra, a identificação do leitor.

2.3 O leitor de ficção - A questão da verossimilhança

Diante dos conceitos apresentados até agora, caímos na questão primeira que circunda a literatura e também se vê presente neste trabalho, por quê a ficção? Como resposta a isso, Milan Kundera (2009, p. 40), em “A arte do romance” enfatiza: “a única razão de ser do romance é dizer aquilo que apenas o romance pode dizer”. Nesse caso, a ficção seria um dos meios plausíveis para o que ocorre ao que Candido (1999, p. 84.) chama de função “integradora e transformadora”, ou mesmo a supracitada função psicológica. Nota-se, deste modo, o esforço em manter sobre a obra literária o ambiente ficcional, sendo ela o aspecto que integra a relação autor, obra, leitor ao que Candido ressalta

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste (CANDIDO, 2009, p.52) - A PERSONAGEM DO ROMANCE).

No trecho, entre o paradoxo dos termos, compreende-se a verossimilhança, ou seja, a impressão do que é verdade entre a coerência dos fatos, como possibilidade de se entender o indivíduo dentro e fora da narrativa, sendo estes representantes de “mundos” distintos, mas que sustentam entre si a ambivalência de suas características. A possibilidade imaginativa, neste caso, não parte senão de uma experiência cujo sentimento é verdadeiro, dando ao objeto literário um caráter identitário e até mesmo transformador para aquele que o lê.

Essa identificação ocorre devido ao modo fragmentário pelo qual as relações concretas, empíricas, nos são apresentadas e como se diferem das encontradas nos livros. Segundo Candido (2009), enquanto na vida a forma fragmentária nos é imanente no processo de conhecimento e reconhecimento do outro, no fazer literário esta é construída de modo a parecer-se indissociável ao ambiente fictício, ou seja, é através da complexidade das formas que o escritor busca descrever o que, para nós leitores, se caracteriza como o outro.

Por meio da escolha dos gestos, frases, e objetos característicos, a personagem se aproxima cada vez mais do leitor, onde para além da ideia de algo fixo e predestinado, a “dificuldade do ser fictício” possibilita a identificação de um ser

ilimitado, partilhador dos mais profundos sentimentos e pensamentos. Portanto, as complexidades e multiplicidades que o escritor concebe aos seus personagens (CANDIDO, 2009, p. 56).

Apesar disso, a integridade proposital do ser fictício faz com que não possamos enxergá-los fora do meio ao qual foi concebido, o mundo ficcional. O absurdo de tal hipótese apresenta-se pela impossibilidade de na realidade concreta reconhecermos no outro a vastidão de seus sentimentos, pensamentos e ações, o que não condiz ao indivíduo dentro do romance pois, segundo Foster (2005, p.63, 64), “Nos romances, porém, conseguimos conhecer as pessoas perfeitamente, e, além do prazer normal da leitura, podemos encontrar aqui uma compensação pela falta de clareza da vida”.

A transfiguração da vida pelo romance estabelece um limite à criação já que não é absolutamente livre a depender invariavelmente das limitações de seu criador, isto é, as possibilidades de imaginação são condicionadas a natureza humana e artísticas do romancista atribuindo-as certos aspectos característicos. Logo, admite-se dois polos ideais na criação do ser fictício: a transposição dos modelos baseados na vida real e os de invenção totalmente imaginária, o que caracteriza a ficcionalidade do personagem sem que negue o seu poder de existência (CANDIDO, 2009).

Deste modo, a verossimilhança apresenta-se como um dos recursos pelo qual a função psicológica da literatura opera, servindo de porta de acesso do leitor à ficção, proporcionando a sua existência o conhecimento da existência do outro. Esse diálogo, quando relacionado aos aspectos de caráter imaginativo proposto pela função psicológica, ultrapassa o campo da decodificação de palavras e até mesmo o campo da hermenêutica, pois “o leitor é tomado por uma inversão dialética”, isto é, a sua capacidade de compreensão dos múltiplos sentidos e de pontos de vistas, e a forma com que os atribui a si próprio (BARTHES, 2004, p.41).

Sendo assim, o lugar do leitor diante das narrativas de ficção se afasta dos convencionalismos que o limita ao possibilitar a experiência diversa ao da realidade que ocupa, trazendo para si um personagem que partilha de seus sentimentos e que se vê cada vez mais perto no intuito de se fazer conhecido.

Portanto, a função psicológica ligada à necessidade de ficção atribui ao sujeito leitor a possibilidade de viver a si e ao outro simultaneamente, encontrando na literatura a chave para o seu pleno devir.

2.4 A Linha de Fuga e a identificação do leitor

O termo *devenir*, como mencionado no parágrafo acima, tem origem na filosofia e significa, de maneira sintetizada, o desejo do indivíduo quanto a sua existência, de fazer-se co-presença, isto é, partir de uma criação individual no encontro de si e, ao mesmo tempo, na realidade a sua volta, em suas múltiplas possibilidades, mudanças e encontros (DELEUZE E GUATTARI, 2011). Diante deste conceito, observa-se que ao buscar analisar as influências literárias no leitor, chegamos a uma questão que não se limita na simples ação do ler, concedendo primeiramente, atenção aos processos individuais e textuais que possibilitam tais interações.

Para isso, a noção de “mimesis” de Ricoeur (1983 *apud* GENTIL, 2015, p. 170) é posto aqui como base para se entender tais processos ao tratar sobre como os desdobramentos do real são transfigurados para a literatura, ou seja, como a obra literária nasce de certas circunstâncias da vida, mas que não se prende necessariamente a ela. Para o autor, tais desdobramentos se dividem em três processos: mimesis I, mimesis II e mimesis III, aos quais correspondem respectivamente ao da pré-figuração, enquanto linguagem definida limitada pela obra; configuração, a apropriação que o leitor faz dessa estrutura por meio da leitura, trazendo-a para a sua realidade; e refiguração, o resultado da apropriação feita pelo leitor em seu processo de configuração. O autor, ao estabelecer essa estrutura propõe o que vem a ser o reflexo destes desdobramentos: a compreensão do si mesmo e as possibilidades de ser.

Ricoeur (1983 *apud* GENTIL, 2015, p. 172) assume que estes desdobramentos só são possíveis pela autonomia que a obra ganha enquanto objeto linguístico, e que o mundo do texto só pode existir em sua totalidade, desprendendo-se da realidade concreta para criar o seu próprio. A identificação do leitor é determinada, deste modo, pela sua relação com os símbolos e signos implicados nas obras, a caráter em que “visa o ser já não sob a modalidade de ser-dado, mas sob a modalidade do poder-ser”. Essas capacidades são citadas também por Barthes (2004), que lança luz sobre a morte do autor nas obras de ficção. Isto porque, segundo ele, o autor ao propor-se a contação de fatos sem a intenção da ação deste na realidade perde sua voz, dando aos símbolos as possibilidades de intervenção no texto e no leitor. As multiplicidades de que visa as obras literárias não estão em suas origens, mas em seu destino, o leitor.

Sendo assim, percebe-se que para esses autores o objetivo central da obra está em trazer ao sujeito as possibilidades e significações daquilo que lê, e é diante deste ponto de vista que o conceito dos filósofos Deleuze e Guattari se mostrará um importante instrumento para a análise do que ocorre ao leitor em contato com a obra literária. Deve-se ressaltar, entretanto as assimetrias entre a filosofia Deleuziana e o conceito da “mimesis” de Ricoeur (1983 *apud* GENTIL, 2015), apresentado aqui como compreensão dos desdobramentos entre o mundo do sujeito e o mundo do texto.

Para Deleuze (1993 *apud* ZOURABICHVILI, 2005), a *mimesis*, em sua significação genérica, é falha no sentido em que opera sobre o conceito de reprodução das coisas, no qual criar uma raiz na personalidade de um sujeito, neste caso o autor, a obra ou o leitor, o destitui de seu potencial de devir, ou seja, das suas múltiplas possibilidades de ser. No entanto, um ponto de contato entre os termos é criado quando a abordagem feita por Ricoeur (1983 *apud* GENTIL, 2015) se dirige à linguagem como um modo de intervenção da obra sobre o leitor, logo os desdobramentos de que fala só é possível através da linguagem, e a linguagem em seu poder de refiguração cria o espaço para que a linha de fuga ocorra.

A linha de fuga, conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari (2011), em “Mil Platôs”, significa a quebra das formas rígidas de ser, dos ideais pensados e produzidos de forma inconsciente pelo indivíduo, refletindo na presença do livre acontecimento e das múltiplas capacidades de existência. Tais ideais fogem ao conceito de potência do sujeito, meio pelo qual a linha de fuga acontece, a partir do momento em que a obra literária presa ao plano do contexto histórico do autor e seus pontos de vista perde a sua potência do “poder-ser” e passa a ser instrumento histórico, limitando o leitor nas possibilidades que a ficção lhe oferece.

Para os autores, a linha de fuga faz parte de um rizoma ao qual “refere-se a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas” (DELEUZE e GUATTARI, 2011, p. 32) e que, se comparado ao modelo de rizoma de uma planta, podemos enfim observar o mundo do texto, ou até mesmo, a ficção como um tubérculo em que suas ramificações são as linhas de fuga realizadas pelo leitor, pois crescem em todas as direções sem um ponto principal de origem.

Deste modo, podemos pensar a literatura como um contrato sempre inacabado permitindo as mais diversas completudes do ser e que, assim como ressaltado por Candido (2009), se difere da forma fragmentada da vida concreta. A isso podemos

atribuir a impessoalidade como condição à enunciação literária, onde as personagens ocupam papel de destaque, consistindo na fabulação que supera a imaginação em seu sentido simples, encontrando a potência da invenção (DELEUZE, 2005).

Já na visão da filosofia da linguagem, Bakhtin explica que esta cisão ocorre pois:

[...] dois mundos se opõem um ao outro, mundos que não se comunicam entre si, mutuamente impenetráveis: o mundo da cultura e o mundo da vida. Este último é o único mundo em que criamos, conhecemos, contemplamos, vivemos e morremos. O primeiro é o mundo no qual o ato de nossa atividade é objetivado; o segundo é o mundo em que este ato realmente se realiza de modo único e irrepetível (BAKHTIN, 1997, p. 8 *apud* LIMA, 2018, p. 60).

Portanto, pode-se dizer que a literatura como instrumento do ser e para o ser exprime um caráter diferente de qualquer outro ao realizar uma conexão, que não encontra se não na evasão de seus devires em sentidos opostos, em mundos paralelos o modo de existir e continuar existindo. Esses mundos são distintos pela ausência da fragmentação do ser na realidade textual, assim como pela impessoalidade do devir através da presença do outro, sendo a linguagem o modo de organizá-los num todo coerente e aplicável. Assim, o leitor passa a ser visto como participante de uma multiplicidade que alcança no seu processo de devir a identificação de si e do outro, tornando a experiência literária a busca de suas potências proporcionadas por suas linhas de fuga.

Estes processos, se analisados pela ótica bakhtiniana, convergem-se a um todo dialógico ao apresentar a linguagem como condição para que as relações estabelecidas pela literatura ocorram, formando o discurso que, segundo o autor, é “a língua em sua integridade concreta e viva” (BAKHTIN, 2008, p. 207 *apud* MARCUZZO, 2008, p. 3).

Assim, a fusão entre o olhar sociológico de Candido (2009) sobre as funções que alicerçam a literatura, em especial a social e psicológica, e a filosofia de Deleuze e Guattari (2011), em que as potencialidades do ser são elucidadas como terreno fértil para que o dialogismo literário ocorra, neste caso como resultado das conexões entre os contextos de enunciação, representam as condições para que a literatura em sua organicidade aconteça, encontrando no adentramento do leitor em seu processo de humanização proporcionada pelo meio ficcional a relação entre autor, obra e leitor compreendida por Candido (2009), e repercutida no seu individualismo como a evasão de suas potencialidades, ou seja, as suas capacidades de existência diante da análise

e vivência do universo textual e diegético, contribuindo para um pertencimento dialógico entre o reconhecimento e identificação de si mesmo e do outro como conjunto inerente à fabulação e devir, como estabelecido na filosofia rizomática de Deleuze e Guattari (2011).

3 METODOLOGIA

Este trabalho apresenta-se como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, com tipo de delineamento revisão de literatura. Para tanto, fundamenta-se teórico-metodologicamente nas influências das obras ficcionais no desenvolver humanístico e identitário do leitor com base nos estudos de Antonio Candido (2009) sobre as funções da literatura, e os elementos que compõem a narrativa de ficção. Respalda-se também no conceito de Linha de Fuga proposto pela filosofia rizomática de Deleuze e Guattari (2011) no entendimento dos movimentos emancipatórios do indivíduo quando em contato com o texto. E, por último, na definição dos elementos extralinguísticos como pertencente ao dialogismo presente nas obras literárias sob os olhares bakhtinianos (BRAIT, 2006).

3.1 Análise

Considera-se a Análise do Discurso em perspectiva dialógica a base para a realização desta pesquisa, levando-se em conta a dialogia entre os diferentes elementos da linguagem constituintes do texto. Para Brait (2006, p. 61) “Não há, portanto, na perspectiva teórico-metodológica bakhtiniana, categorias a priori, aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos”, deste modo, a linguagem é percebida em sua natureza metalinguística, pois concomitantemente as suas relações enunciativas, torna-se inevitável sua participação na percepção e reconhecimento do sujeito no discurso.

É justamente neste ponto que se ancoram os estudos do Círculo de Bakhtin como meio de abordagem dos elementos linguísticos, as suas relações sócio-históricas e os discursos extralinguísticos que constitui o corpo do presente estudo, perfazendo as mais diversas esferas do pensar literário e linguístico através da revisão bibliográfica dos autores supracitados e análise dos excertos que compõem suas obras.

Assim, a escolha dos excertos se dá sobretudo ao caráter enunciativo dos conceitos abordados, colaborando para o seu esclarecimento mediante as observações dos próprios autores, além de garantir espaço para o diálogo entre as diferentes vozes do texto, reafirmando, portanto, a comunicação dialógica entre as

concepções de Antonio Candido, Deleuze e Guattari e os demais autores não menos importantes aqui referidos.

4 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Tendo em vista o diálogo que travamos ao longo desta pesquisa, observamos que o atravessamento da literatura nos campos das significações, sugere ao leitor complexas formas de expressão, atribuindo-as a si próprio como resgate de uma identidade que encontra na leitura a extensão de suas possibilidades. Esta transgressão ocorre neste trabalho, a partir do contato entre o sujeito e a narrativa de ficção, pois ao instituir um contrato com as funções psicológicas e sociais, como sugere CANDIDO (1999), a obra ficcional assume um papel na identificação do leitor, pautadas em suas relações dialógicas com os personagens, autor e o meio narrativo.

Neste sentido, encontramos na filosofia rizomática de Deleuze e Guattari (2011), os possíveis caminhos pelo qual essa transgressão ocorre, tratado aqui sobre o conceito de Linha de fuga, devir e potência, que para os autores são acessados através e pela literatura, assumindo os possíveis efeitos da obra literária sobre o leitor.

Dessa maneira, vemos que o tema proposto neste trabalho contribui para a revisão da literatura como processo formador, identitário e dialógico, isto é, integrando-se os aspectos contextual-discursivo-linguístico (BRAIT, 2006). Nisso está a sua importância para a área da linguagem.

Adicionalmente, reconhece-se a pesquisa em literatura como ponte para a observação da influência literária na subjetividade leitora, ou seja, o texto ficcional como atuante na auto-observação do leitor quanto a sua existência diante de um espaço onde a linguagem, como um sistema complexo, dedica-se à produção de conhecimento, experiência e diálogo.

Nessa direção, os componentes diegéticos presentes nas obras de ficção promovem as possibilidades de ser do indivíduo, entendido aqui como devir, alcançando a linha de fuga por meio do desprendimento das raízes históricas e concretas que o liga a uma realidade, ideia, pensamento fixo. Isto é, o sujeito nivelado ao seu reconhecimento como integrante da perspectiva autora, bem como da personagem e a diegese ao que se constrói, cria uma relação imersiva e sensível, identificando-se no ínfimo das emoções o caráter que a obra literária propõe revelar, ou seja, a personalidade humana sob diferentes perspectivas. Assim, a linha de fuga é acessada por intermédio dos ramos que crescem desvinculados a uma realidade concreta, como também de uma somente “imaginada”, contribuindo para a intersecção entre o real e o fictício num todo formador, identitário.

Assim, buscou-se compreender o papel das obras de ficção na identificação do leitor com base nos elementos textuais e diegéticos que as compõem, atribuindo nesse processo um caráter impulsionador no olhar humanístico e rizomático da literatura como um estudo em constante desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **O Rumor da Língua**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BRAIT, B. **Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise**. Gragoatá, Niterói RJ, n. 20, p. 47–62, 2006b.
- CÂNDIDO, A. **A literatura e a formação do homem. Remate de Males**: Revista do Departamento de Teoria Literária, n. esp., p. 81-89, 1999.
- CANDIDO, A. **A Personagem de Ficção**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2009.
- CANDIDO, A. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos**. 9ª ed. Belo Horizonte - Rio de Janeiro: Itatiaia, 2000.
- CANDIDO, A. **O Direito à Literatura**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011.
- CANDIDO, A. **Textos de intervenção: A literatura e a formação do homem**. 1ª ed. São Paulo: Editora 34, 2002.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**, v. 2. Tradução de. A. LUCIA DE OLIVEIRA. e L. CLAUDIA LEÃO. São Paulo: Editora 34, 2011.
- EAGLETON, T. **Teoria da Literatura: Uma introdução**. 6º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FOSTER, E.M. **Aspectos do Romance**. 4ª ed, rev - São Paulo: Globo, 2005.
- FRIEDMAN, N., & MELO, F. F. D. (2002). O PONTO DE VISTA NA FICÇÃO: O DESENVOLVIMENTO DE UM CONCEITO CRÍTICO. **Revista USP**, (53), 166-182. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i53p166-182>
- GENTIL, H. S. “Narrativas de ficção e existência: contribuições de Paul Ricoeur”. In: **Viso: Cadernos de estética aplicada**, v. IX, n. 17 (jul-dez/2015). p. 166-178.
- KUNDERA, Milan. **A Arte do Romance**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- LIMA, S. M. M. Sujeito Em Bakhtin: Autoria E Responsabilidade. **Percursos Linguísticos**, [S. l.], v. 8, n. 19, p. 59–76, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/20305>. Acesso em: 21 maio. 2023
- MARCUZZO, P. **Diálogo inconcluso: os conceitos de dialogismo e polifonia na obra de Mikhail Bakhtin**. Cadernos do IL, [S. l.], v. 1, n. 36, p. 2–10, 2008. DOI: 10.22456/2236-6385.18908. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/cadernosdoil/article/view/18908>. Acesso em: 21 maio. 2023.
- NAVARRETE, E. Roger Chartier e a Literatura. **Revista Tempo, Espaço e Linguagem (TEL)**, v. 2 nº 3 p. 23-56 Set./Dez. 2011
- SOUZA, Roberto. **Teoria da Literatura**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2007.
- ZOURABICHVILI, F. Deleuze e a questão da literaridade. **Educação & Sociedade**, v. 26, n. 93, p. 1309–1321, set. 2005.